

O AVESSO DA PELE

Menos de 10% dos monumentos no Rio retratam pessoas negras

GERALDO KEBBER
@geraldokebber

A escravidão foi abolida há 135 anos, mas seus efeitos ainda podem ser notados em um simples passeio pela cidade. Ajudam a explicar, por exemplo, como, neste 13 de maio de 2023, a distorção na representatividade racial se manifesta de forma tão evidente em monumentos distribuídos por espaços públicos cariocas.

Um levantamento feito pelo Instituto Cultre, a pedido do GLOBO, mostra que, entre os 358 bustos e estátuas que homenageiam pessoas no Rio, a absoluta maioria (322) retrata figuras brancas. As imagens de personalidades negras são 32, divididas entre 29 homens e apenas três mulheres, e representam 8,9% do total. Esse quadro destoa da realidade étnica do município, que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem população composta por 46,8% de pretos e pardos.

É interessante observar que no Brasil existe o mito das três raças (branco, negro e índio), mas, quando se trata de prestar homenagem, privilegiam sempre o homem branco. Entendo que os monumentos são retratos de um mundo masculino e racista. Não reconhecem o homem negro como indivíduo que contribuiu para a formação da cidade e relegam à mulher papel secundário — analisa Álvaro Pereira do Nascimento, historiador da UFRJ/CNPQ.

CAYMMI EM COPACABANA

O levantamento parte de inventário feito pela gerência de monumentos e chafarizes da prefeitura, disponível na internet, e só inclui as obras que são de responsabilidade do município localizadas em espaços públicos. O estudo considera também a ascendência negra de personagens que tiveram a imagem em bustos, há os que inspiram dois monumentos na cidade, caso de Pixinguinha (Centro e Ramos), Zumbi dos Palmares (Praça Onze e Padre Miguel) e Lima Barreto (Centro e Ilha do Governador).

A maior concentração de monumentos a personalidades fica no Centro (104), região que também concentra mais figuras negras (18). Uma delas, a estátua de João Cândido, o "Almirante Negro", líder do episódio histórico conhecido como "Revolta da Chibata", foi transferida no ano passado da Praça Quinze, onde estava meio escondida por uma estação do VLT, para a Praça Marechal Âncora. A mudança sugerida por lideranças do movimento negro foi



Orgulho. Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra a integrar o corpo de baile do Teatro Municipal, é homenageada com estátua no Largo da Prainha



Machado de Assis. Escritor foi imortalizado diante da ABL, casa que fundou



Referências. Painel do projeto NegroMuro celebra filósofos contemporâneos

atendida pela prefeitura.

Depois do Centro, os bairros da Zona Norte abrigam 10 estátuas e bustos de pessoas pretas e pardas. As regiões da Zona Oeste e da Zona Sul ostentam dois monumentos para personalidades negras, cada uma. Em Copacabana, área turística e segundo bairro com mais homenagens a figuras humanas na cidade (20), apenas uma é de personagem negro: o compositor baiano Dorival Caymmi carrega seu violão no Posto 6.

Glória e Botafogo são bairros logo atrás no ranking, mas em ambos a representatividade negra é zero entre estátuas e bustos. Além de Caymmi, o outro monumento que retrata pessoas negras na Zona Sul é dedicado aos irmãos André e Antônio Rebouças, que eram engenheiros. Juntos, os dois bustos ficam em um canteiro da Avenida Borges de Medeiros, na Lagoa, no acesso ao túnel batizado com o sobrenome da dupla.

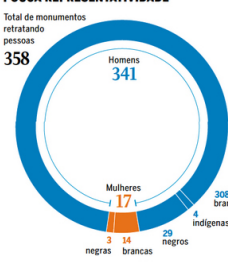
— O sentimento que tenho é que isso é geral, não apenas uma característica do Rio. Deveriam cultivar melhor a

memória brasileira, não só pela miscigenação, mas pela importância dessas personalidades na história do país. Isso inclui os negros e as mulheres — cobra a administradora de empresas Sara Eli Barroso, de 52 anos, moradora de Copacabana, diante da estátua de Caymmi para fazer uma foto da mãe, a curitibana Maria Eloy, de 82, em visita ao Rio. A representatividade nos

monumentos cariocas também deixou para trás mulheres pessoas de origem indígena. No Rio, as estátuas femininas são apenas 17, ou 4,7% do total, sendo que apenas três em toda a cidade retratam mulheres negras: a pianista e compositora Chiquinha Gonzaga, a vereadora Marielle Franco e a bailarina Mercedes Baptista. Indígenas foram retratados em apenas quatro

monumentos, ou 1% do total. O levantamento ainda aponta que a maioria dos negros lembrados em estátuas ou bustos na cidade é formada por músicos e esportistas (18). Na opinião do produtor cultural e coordenador do Instituto Cultre, Astolfo de Oliveira Filho, o FIO, esse dado reflete a ideia tão repetida de que a música e o esporte eram praticamente as únicas formas de

POUCA REPRESENTATIVIDADE



Entre os 358 monumentos na cidade



ascensão social para o negro. Entre as personalidades brancas, os políticos formam maioria, com 18%, seguidos por militares (12%). O terceiro grupo mais homenageado, o de personalidades estrangeiras (9,5% do total), supera os negros representados.

— Isso reflete o apagamento da memória negra em nosso país. Esse é o Brasil, diverso e cruel para toda a comunidade afro-brasileira — afirma o coordenador do Instituto Cultre, instituição que desde 1980 desenvolve trabalhos de registro da memória e fomento da cultura do povo negro.

FIO destaca ainda situações em que se busca embelezar a figura dos homenageados. Um caso emblemático é o do escritor Machado de Assis, cuja condição de afrodescendente ainda costuma surpreender alguns — no mínimo — desavisados. O coordenador do Instituto Cultre defende que placas de identificação tragam informações sobre a etnia do personagem retratado.

MURAIS DE MEMÓRIA SOCIAL

Contra esse apagamento racial que vem de longe, o projeto NegroMuro se dedica à construção de memória social para enaltecer lutas, conquistas e referências da população preta, na forma de pinturas ao ar livre. A iniciativa, do produtor cultural e pesquisador Pedro Rajão e do artista urbano Fernando Casz, já espalhou 47 murais pelo Rio. A lista de personagens inclui a atriz Ruth de Souza, a cantora Clementina de Jesus e o abolicionista Luiz Gama. O trabalho mais recente, na esquina das ruas do Resende e Riachuelo, no Centro, celebra dez filósofos contemporâneos, entre eles Djamilia Ribeiro, Sueli Carneiro e o ministro dos Direitos Humanos Sílbio Almeida.

— A gente se diz projeto de memória. E povo sem memória não sabe para onde vai nem de onde vem. Quando se fala de um país majoritariamente negro e ainda racista, colocar os negros em lugar de exaltação contribui para um processo de identificação dessa população. Fui feliz de ver a Ruth de Souza retratada na parede do prédio administrativo do Teatro Municipal, e agora esses filósofos. Vira uma referência — defende Rajão.

Entre os monumentos públicos da cidade, o mais recente, dedicado ao compositor Aldir Blanc, foi inaugurado na Tijuca, no dia 4. No momento são avaliadas homenagens ao escritor e poeta Abay Kumarabes, sugerida pela embaixada do Catarunístio; ao cineasta Breno Silveira e ao cantor e violonista João Gilberto, os dois últimos lembrados por iniciativa de amigos. A última personalidade negra a ganhar estátua na cidade foi a vereadora Marielle Franco, em 2022.

Vera Dias, gerente de monumentos e chafarizes da Secretaria Municipal de Conservação, observa que, em termos de Brasil, a variedade de monumentos do Rio é expressiva.

— Além de personalidades negras ligadas à arte, como Lima Barreto, Mestre Valentim, Mercedes Baptista, há ídolos do esporte, como Garrincha e Domingos da Guia, figuras históricas, como Zumbi dos Palmares, João Cândido e os irmãos Rebouças. A cultura afro-brasileira também é celebrada em monumentos como o dedicado a Lemnãjá — enumera.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Rio Página: 24